

CONJUGALIDADE DOS PAIS E PROJETOS DE VIDA DOS FILHOS FRENTE AO LAÇO CONJUGAL

Alunos: Luciana Janeiro e Ana Carolina Campos

Orientador: Terezinha Féres-Carneiro

Introdução/ Justificativa

O atual panorama social apresenta múltiplas formas de conjugalidade e um crescente aumento de dissoluções conjugais, sucedidas ou não de recasamentos, tornando-se cada vez mais importante o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem a compreensão sobre as questões relacionadas ao laço conjugal. A literatura psicanalítica das relações amorosas ressalta que a conjugalidade se origina na trama inconsciente familiar dos sujeitos-parceiros [1]. Nas famílias, histórias passadas e presentes se misturam e são transmitidas aos filhos, associadas às expectativas de futuro, conjugando as fantasias individuais dos membros da família e os mitos familiares. Assim, a conjugalidade dos pais se reflete no desenvolvimento afetivo-sexual dos filhos e nos padrões de relacionamento que se estabelecem na família. A construção da identidade sexual dos filhos está associada ao casal parental, sobretudo através das identificações com ambos os pais.

Objetivo

O objetivo primeiro deste projeto foi estudar as relações existentes entre a conjugalidade dos pais, tal como vivenciada e percebida pelos filhos, e as concepções, motivações, mitos e expectativas que estes - jovens adultos solteiros das camadas médias urbanas - possuem em relação ao laço conjugal. Este estudo permitirá ampliar o conhecimento sobre as questões relacionadas ao lugar que o laço conjugal ocupa hoje no projeto de vida daqueles que ainda não se casaram. A investigação do quanto a forma como os pais se constituíram enquanto casal conjugal influencia o lugar da conjugalidade no projeto de vida dos filhos hoje, trará subsídios importantes para a prática psicoterápica.

Um objetivo secundário emergiu ao longo do desenvolvimento da investigação: a reformulação e a reaplicação numa população mais ampla do instrumento utilizado (QCP), visando à sua validação.

Metodologia

Para atingirmos os objetivos propostos, desenvolvemos esta investigação em três etapas, utilizando para isto uma metodologia quanti-qualitativa. Na primeira etapa foi realizada uma pesquisa de levantamento que teve como objetivo investigar a percepção dos filhos sobre a conjugalidade de seus pais. Inicialmente, 278 sujeitos, recrutados em salas de aula de diversos cursos de graduação e pós-graduação de dez universidades da zona sul e da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, responderam aos instrumentos utilizados nesta fase da pesquisa.

Na segunda etapa do estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa para avaliar a concepção, as expectativas, os ideais e os mitos sobre casamento dos jovens adultos, com o objetivo de investigar as possíveis relações existentes entre a percepção dos filhos sobre o casamento de seus pais e aquilo que o laço conjugal representa para eles. Nesta etapa, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, cujo roteiro invisível contemplava vários temas relevantes da dinâmica conjugal e familiar. As entrevistas foram gravadas e transcritas e o material obtido foi submetido a uma análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1979) [2]. Desta análise, emergiram como mais relevantes as seguintes categorias: *projetos de vida; individualidade e conjugalidade; influência da percepção da conjugalidade dos pais no projeto de casamento dos filhos*.

Quanto à categoria *individualidade e conjugalidade* no casamento, a maioria dos jovens entrevistados apresentou dificuldade em diferenciar os aspectos individual e conjunto na relação conjugal. Constatamos que, de modo geral, as mulheres em suas falas explicitaram a importância da diferenciação entre individualidade e conjugalidade na vida a dois mais do que os homens. Esses, em sua maioria, afirmaram não haver essa diferença.

A dificuldade em diferenciar esses aspectos manifestou-se na reação inicial à pergunta: No casamento duas pessoas, individuais, vivem uma relação só, Como você imagina isso: as coisas individuais e as coisas conjuntas sendo vivenciadas? Foi preciso um maior esclarecimento da pergunta por parte dos entrevistadores. Alguns entrevistados referiam não ter compreendido a pergunta e pediam para repeti-la, outros diziam: “ah vê se é isso que você está querendo saber?” e iniciavam uma resposta.

Um aspecto que deve ser ressaltado, também, é o fato de que os jovens entrevistados eram solteiros e, portanto, recorreram a suas experiências de relacionamentos anteriores e atuais para responder às perguntas sobre casamento.

Quatro das sete jovens entrevistadas apontaram uma certa diferenciação dos aspectos individuais e conjuntos na relação. Somente duas entrevistadas não consideraram a existência de individualidade no casamento.

Uma das quatro entrevistadas que apontam essa diferenciação ressalta a importância de saber lidar com as manias e com as diferenças do parceiro. E aponta que os cônjuges devem fazer coisas separadas.

“Eu acho que casamento não pode se tornar uma prisão, não pode te sufocar. Acho que você tem uma relação com outra pessoa, mas você não pode deixar de ter seus amigos, de sair certas horas(...)Você casou com a outra pessoa, você gosta dela, você quer ver ela bem, você tem que tentar entender que ela tem que se sentir bem não só com você, mas com outras pessoas também. Acho que não tem nada demais ela sair com os amigos, com as amigas, fazer um almoço, isso aí não impede nada”. (M1, pais casados, muito insatisfatória)

Outra das sete entrevistadas queixa-se de não ter tempo para realizar as suas coisas individuais, diz ter dificuldades para dar conta das coisas de seu namorado e de sua própria vida acadêmica.

“Ah, é muito complicado. Porque... Agora eu voltei a fazer faculdade. E tem que dar conta da casa, tem que dar conta da roupa dele, tem que dar conta da comida dele, e, assim...Está sendo muito difícil, muito difícil”. (...) Nossa. Está sendo um estresse. Porque ele diz: “Você vai ficar aí neste quarto estudando o dia inteiro?”. (M4, pais separados, muito insatisfatória)

“Como eu falei antes, através do diálogo, quer dizer, cada um, é cada pessoa tem os seus horários de trabalho, e um gosta de sei lá, de malhar, e vai para academia; o outro gosta de correr e tentar conciliar os horários, né, então você ta fazendo uma coisa individualmente e as coisas conjuntas são as coisas que no caso um casal faz junto, de conviver no ambiente da família, um com o outro. E de repente fazer as coisas juntas assim, compartilhar, se os dois gostam de correr, ai eles vão juntos. Depende muito assim, da vontade das pessoas. Às vezes a pessoa precisa do seu espaço, não está na minha hora de ir para academia, está na minha hora de nada, então às vezes as pessoas precisam do seu espaço”. (M7, pais separados, muito insatisfatória)

Outra jovem entrevistada acredita que cada um deve ter sua individualidade e aprecia as diferenças no casamento.

“Eu acho isso muito importante... tem que ter esse e entendimento e. não pode ser tudo igual, entendeu? Ele tem que ter a. a individualidade e eu a minha e a gente... unir isso.” (M3, pais casados, muito insatisfatória)

Duas das sete entrevistadas consideraram que não deveria haver o aspecto individual no casamento e que as pessoas devem tornar-se uma só pessoa.

“Questão individual eu não gosto, eu tenho muito ciúme de questão individual(...)Eu não acho legal, uma pessoa que tem um relacionamento que gosta não tem porque querer sair sozinho(...)Eu não tenho vontade de sair sozinha, tudo que eu faço eu incluo ele, tudo que eu penso eu incluo ele, para mim não tem nada de sozinho(...) É o que eu falo pra ele se está junto é pra sair junto, se fosse para ser solteira eu não estaria com você”. (M2, pais casados, muito insatisfatória)

“Ah, é uma coisa, assim, meio esquisita... Mas... sei lá, que quando você casa, tem aquela coisa assim: Aquele CD é meu. Não, aquele CD é nosso. Tem que entender que você deixa de ser duas pessoas para se tornar uma só. É isso que eu falo pro meu namorado, no caso, que... eu falo muito assim: vou ao cinema. Mas eu falo vou no sentido de que eu e ele, a gente se uniu de tal forma que é uma pessoa só”. (M5, pais separados, muito insatisfatória)

Somente um, dos sete entrevistados, ressalta a importância de haver um equilíbrio entre individualidade e conjugalidade. Para ele, é necessário aproveitar os momentos em conjunto, mas ao mesmo tempo respeitar a individualidade do outro.

“... duas pessoas, estão casadas, então elas têm que aproveitar as coisas que elas vivem juntas, mas também têm que saber que cada um tem sua individualidade e precisa da sua individualidade (...) Porque se você não tiver a sua individualidade, você em algum momento vai se desesperar por causa disso. Então, esta história de um sufocar o outro não dá muito certo, isso é bem problemático. Eu acho que seria muito interessante que minha esposa pudesse, pudesse entender que eu precisava daquele momento ali, daquele futebol, mas precisava daquele momento sozinho”. (H7, pais separados, muito insatisfatória)

Três dos jovens entrevistados consideram ser um desafio vivenciar as coisas individuais e conjuntas no casamento. Um deles diz que só consegue avaliar isso no casamento aberto, pois há maior liberdade.

“Tenho minhas coisas e ela tem as coisas dela, as coisas que vamos criar juntos, né, que vamos construir juntos (...). É complicado, são opiniões diferentes, são maneiras diferentes, né, é complicado. Vejo isso como um desafio. (H5, pais separados, muito insatisfatória)

“... você deixaria sua esposa, sua namorada sair sozinha, numa sexta-feira à noite ir para um bar com as amigas, complicado, né, mas acho que é um exercício importante de confiança que deve ser praticado. Acho viável. Da mesma forma como sair junto é muito importante, sair junto é muito importante... (H6, pais separados, muito insatisfatória)

“É difícil ver o limite que, o limite entre a liberdade do outro, a liberdade do outro no casamento. Então na hora que você permite se relacionar com outras pessoas(...) tanto o casamento tradicional e tanto no outro é que você, em ambos você corre risco de perder. Ou você corre risco de perdê-la por, no primeiro, no tradicional, por se tornar numa pessoa muito possessiva e não dar a liberdade que ela quer. Eu não to falando só de liberdade no sentido de se relacionar com outra pessoa ou de pelo menos ter contato com outras pessoas, mas sim de satisfazer nas questões profissionais, entende.” (H1, pais casados, muito satisfatória)

Outro entrevistado associa a questão individualidade e conjugalidade com os objetos materiais, diz que só pensaria nesse aspecto no momento da separação. Aponta também que as coisas individuais são aquelas que somente uma pessoa gosta e as coisas conjuntas são aquelas que agradam aos dois.

“Eu só pensaria no que é meu e no que é teu no fato da separação, vamos dizer assim, entendeu. As coisas que são dos dois são aquelas coisas que, acho, que agrada aos dois. São coisas que os dois gostam, né. E coisas individuais, por exemplo, que só uma pessoa gosta. Por exemplo, eu gosto muito do cd do Led Zeppelin, eu gosto muito do Led Zeppelin, aí chegar e ela não gosta. Não vai ser dela, vai ser meu. Por que vai ser dela, se ela não gosta? O que é dos dois, por exemplo, sei lá, fogão, os dois usam, televisão, carro, entendeu. Tudo. Acho que essas coisas que os dois usam, que os dois usufruem, acho que tem que ser dos dois. Cama, sei lá, tudo que os dois usam assim, acho que, não é meu não é dela, não é de ninguém. É nosso. (H3, pais separados, muito insatisfatória)

Dois entrevistados apontam que não deve haver a dimensão individual no casamento. Os parceiros devem ser uma só pessoa.

“... pra minha visão de casamento, praticamente não tem individual. Tudo que é individual entra no conjunto, entendeu (...) Se você tiver algo assim, uma brecha muito grande pra sua individualidade que vai diametralmente contra o seu casamento eu acho que acabou a harmonia, quer dizer, não tá tão harmônico assim o negócio. (H2, pais casados, muito satisfatória)

“Pra começar eu acho que a pessoa tem que destruir essa coisa de individual, no relacionamento não existe essa coisa de individual, não existe o eu, não existe, desconstro o eu, o eu passa a ser o nós é... eles têm que se encaixar, eu acho que, não vai ter mais nada de individual quando você tá numa relação, nas relações de verdade, que é a relação paradigma, que são os meus pais, não há nada que seja de um e não seja do outro, não há nada que um faça que o outro não faça também. (H4, pais casados, muito satisfatória)

Na terceira etapa, desenvolvemos o estudo psicométrico de validação do *Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais* com o objetivo de disponibilizar um método de avaliação da percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais.

Foram aplicados em 1614 sujeitos com idades entre 18 e 29 anos. A amostra foi dividida em metades de 807 sujeitos cada uma, para se testar a replicabilidade das análises multivariadas. Como as aplicações foram feitas na zona sul do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, em Belo Horizonte e em Petrópolis, abre-se a possibilidade de se investigar simultaneamente diferenças entre essas regiões, além das possíveis diferenças de níveis sócio-econômicos e de gênero, tomadas como variáveis moderadoras (Aguinis, 2004) [3].

Os resultados discutidos nesta etapa referem-se ao questionário *QCP* tal como um conjunto de 60 itens voltado para avaliação do construto *conjugalidade* (dos pais). Esses itens relacionam-se às dimensões teóricas identificadas como relevantes na vivência da conjugalidade já mencionadas, a saber, gratificação conjugal, expressão de afeto, maturidade emocional e identidade conjugal. Não obstante a subdivisão da escala nessas dimensões teoricamente derivadas, a análise de componentes principais e seu correspondente gráfico de sedimentação dos autovalores indicam, do ponto de vista empírico, a presença de uma única dimensão preponderante, interpretada, genericamente, como “conjugalidade”.

A avaliação gráfica “scree test”, por meio da forma de sedimentação dos autovalores, indica a presença de um componente suficientemente preponderante para sugerir que a escala, tomada como um todo, é unidimensional. O modelo de análise dos componentes principais é apropriado quando a preocupação mais importante é com “o número mínimo de fatores necessários para explicar a parte máxima da variância representada no conjunto total de variáveis” (Hair, Anderson, Tatham e Black, 2005, p. 99) [4]. Também se aplica, segundo esses e outros autores (Harman, 1967 [5]; Netemeyer, Bearden e Sharma, 2003) [6], quando o conhecimento anterior sugere que as variâncias específica e de erro representam uma proporção relativamente pequena da variância total. Este é o caso dos resultados da presente escala, como indica a grande magnitude do coeficiente de consistência interna: alfa de Cronbach igual a 0,95, calculado sobre a totalidade das respostas. Dentre o total de 14.760 itens considerados (246 participantes, cada um diante de 60 itens para responder), 14.690 apresentaram respostas válidas. As omissões e as respostas inválidas atingiram, portanto, menos de meio por cento (0,47%). Face a essa baixa incidência, foi utilizado o recurso do programa de computador SPSS (2001) de atribuir às 70 omissões o valor médio das respostas válidas, permitindo, assim, o cálculo do alfa para toda a amostra de 246 respondentes.

O exame mais detalhado da progressão de sedimentação dos autovalores observado no “scree test” mostra um segundo componente ligeiramente destacado dos seguintes, que decididamente se nivelam mostrando que não há, do ponto de vista da estrutura empírica da escala, componentes adicionais a serem considerados que poderiam conduzir a uma análise fatorial com, por exemplo, fatoração dos eixos

principais e rotação adequada para determinação do número de fatores e sua identificação como uma possível segunda dimensão empiricamente observável, além da dimensão básica da “conjugalidade”, referente ao primeiro componente principal.

Embora esse segundo componente principal (com autovalor de 3,25) mereça ser examinado para que se possa verificar quais os itens que com ele mais se correlacionam (em contraponto a 19,91 para o autovalor do primeiro componente), neste primeiro momento seguimos a recomendação de Pasquali (2003) [7] de deixar de lado minúcias dos teóricos e tecnicidades dos estatísticos quanto à adequação da análise fatorial para decidir a questão da unidimensionalidade. Ao fazer isso, abre-se a possibilidade de se usar essa técnica com base na suposição de que a matriz é unifatorial; então, sugere Pasquali (2003, p. 117), “peça a extração de um fator e veja se a grande maioria dos itens tem carga alta no fator”.

Os itens em sua formulação completa, com as respectivas comunalidades, apresentadas por cada item na extração de 13 componentes, correspondentes, respectivamente, aos autovalores acima de 1, foram classificados em ordem decrescente da magnitude dessas comunalidades. Verificou-se que há 20 itens com comunalidades abaixo de 0,20. Em exame mais detalhado, são esses itens que se espalham pelos demais doze componentes com autovalores acima de 1, sem nenhum desses componentes apresentar-se com correlações ou “cargas” fatoriais que substantivamente indiquem dimensão teórica específica. A exceção está apenas no segundo componente, como teremos oportunidade de discutir.

Antes disso abrimos um parêntese para apresentar duas análises consagradas pela psicometria clássica no que diz respeito à análise de itens. A primeira trata da correlação de cada item com o escore total da escala, de forma que o item não participe da soma desse escore total. Os itens foram classificados em ordem decrescente da magnitude dos coeficientes de correlação do item com o escore total, de forma que quanto mais alta a correlação do item com o escore total, mais esse item “mede” o que todos os demais itens, juntos, estejam medindo, seja o que for. A segunda análise relaciona-se diretamente à fidedignidade da escala. Trata do coeficiente de consistência interna “alfa” de Cronbach apresentado pela escala total, de forma que o item em exame não participe do cálculo do coeficiente. Os itens foram classificados em ordem crescente da magnitude do coeficiente “alfa” de consistência interna. Quanto menor o coeficiente, mais o item contribui para aumentar a consistência interna da escala. Inversamente, quanto maior o coeficiente “alfa”, menos o item respectivo contribui para a consistência interna, pois retirá-lo aumenta a consistência.

Em ambas as análises, praticamente o mesmo conjunto de itens ocupa os extremos das duas classificações. No caso do extremo inferior dessas classificações, os itens que menos contribuem tecnicamente, do ponto de vista empírico, para a qualidade psicométrica da escala coincidem com os itens menos adequados apontados anteriormente.

Em seguida, os itens classificados pela ordem decrescente de magnitude da correlação do item com o primeiro componente principal (sua “carga” fatorial), uma verificação dos resultados da recomendação de Pasquali (2003) sobre o uso da análise fatorial para se examinar a unidimensionalidade da escala, isto é, se está medindo um único construto (ou “fator”, no caso da análise fatorial mencionada pelo autor). Mais uma vez, os resultados corroboram a tendência verificada até agora, a partir de diferentes pontos de vista: o mesmo grupo de itens ocupa as posições de menor qualidade psicométrica.

Examinamos os dados a partir do ponto de vista da psicometria clássica. Como se sabe, a soma das respostas para se obter um escore total pressupõe contribuição igual,

para o construto “conjugalidade”, por parte de cada item. Entretanto, isso não ocorre, como se pode verificar pelos resultados apresentados. Para o conhecimento qualitativo dos componentes teóricos do construto, é mais produtivo examinar-se a escala do ponto de vista dessa contribuição relativa. Para que os resultados finais acompanhem essa diferenciação qualitativa da contribuição de cada item para o construto, impõe-se o uso de procedimentos alternativos que venham a atender aos propósitos metodológicos e teóricos que inicialmente nortearam a construção do instrumento.

A eliminação sumária de vinte itens, sem maior consideração metodológica e teórica sobre as razões iniciais de tê-los concebido e introduzido na escala, desmerece o propósito inicial e empobrece sobremaneira o resultado final da pesquisa. Dentro dessa linha de raciocínio, encerramos essa etapa de análise com a apresentação das características psicométricas básicas da Subescala 40, a escala com 20 itens eliminados da análise, que apresentou média de 149,69 ($dp=29,26$).

Nos resultados da análise de componentes principais sob a forma de gráfico de sedimentação dos autovalores referentes à Subescala 40, verificou-se que a estrutura empírica da escala apresenta um segundo componente mais destacado do que aquele apontado pela análise similar referente à escala total com 60 itens.

Entretanto, no que diz respeito à sua pronta utilização, nada, praticamente, muda. O principal efeito observado na pesquisa com a escala mantém-se o mesmo. A razão $F(1,244)=39,58$, com significância de $p<0,0001$, indica que a diferença entre as percepções de filhos de pais casados (média de 158,05) e de filhos de pais em outra condição (média de 135,45) é, proporcionalmente à quantidade menor de itens da escala, rigorosamente a mesma no que diz respeito à magnitude de impacto deste fator (situação da conjugalidade dos pais) no seu efeito (percepção dessa conjugalidade pelos filhos). No que diz respeito à consistência interna, como seria de se esperar em decorrência da eliminação dos itens de menor correlação com os demais, o “alfa” de Cronbach elevou-se para 0,96.

Passamos agora a tecer considerações acerca da inconveniência técnica, metodológica e teórica da eliminação sumária de 20 itens, não obstante o altíssimo resultado relativo à fidedignidade da escala na sua forma Subescala 40.

Dentre os 60 itens do *QCP*, trinta e dois deles referem-se aos pais como uma unidade; os demais são quatorze pares itens; em cada par, o mesmo conceito é dirigido ao pai e à mãe do sujeito. Os demais itens referem-se a ambos os pais. O que se apresenta como teoricamente produtivo, neste ponto de desenvolvimento da pesquisa, são análises nas quais se separam estes dois tipos de escala, por meio da formação das subescalas *Pai-Mãe* (14 pares de questões, 28 itens) e *Pais* (ambos os pais, 32 itens).

Simultaneamente a esta proposta, os resultados apresentados até agora são suficientes para subsidiar, por meio de informações válidas, a reformulação de itens cujo desempenho deixou a desejar. São, em maioria, aqueles que ocupam os lugares inferiores nas classificação dos itens, segundo procedimentos consagrados pela psicometria clássica, examinados até o momento. Assim, aplicações posteriores da escala poderão manter o propósito original de conteúdo ao incluir esses itens já reformulados.

Os resultados descritos nesta etapa dizem respeito à discussão das modificações introduzidas no *Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais*, que resultaram na forma atual do instrumento, mantendo, portanto, o conteúdo dos sessenta itens iniciais, muito embora o formato de alguns deles tenha mudado substancialmente. Essas mudanças foram sempre no sentido de preservação da inspiração teórica original que orientou a elaboração dos itens, construídos a partir de outros instrumentos de avaliação da relação conjugal, bem como da literatura sobre estrutura e dinâmica do laço conjugal, conforme

detalhado anteriormente (Féres-Carneiro, Ziviani & Magalhães, 2007 [8]; Féres-Carneiro, Magalhães & Ziviani, 2006) [9]. Além disso, considerações teóricas baseadas na experiência clínica influenciaram significativamente a decisão de se modificar o formato de alguns itens. Como se verá, para melhor atender a esses requisitos, procuramos subordinar a psicometria propriamente dita a esses fatores.

Primeira Subescala (Pais)

Os itens da subescala principal, dirigidos a "meus pais ...", são apresentados a seguir, em ordem decrescente de sua pertinência à conjugalidade dos pais, tal como percebida pelos filhos. Ou, dizendo tecnicamente, os itens estão ordenados a partir das maiores correlações, para as menores, entre o item e o primeiro componente do constructo "conjugalidade", segundo análise de componentes principais. Essas correlações (ou "cargas fatoriais") encontram-se entre parênteses.

"(M)meus pais ...":

- 1) ... pareciam felizes com o relacionamento deles (0,87).
- 2) A relação dos ... parecia gratificante para ambos (0,86).
- 3) ... pareciam sincronizados (0,85).
- 4) ... demonstravam ser companheiros (0,85).
- 5) ... costumavam rir juntos (0,82).
- 6) Entre ... existiam sérios conflitos não solucionados (0,79).
- 7) ... se elogiavam mutuamente (0,78).
- 8) ... expressavam seus sentimentos um pelo outro (0,77).
- 9) ... tinham dificuldade de comunicação (0,77).
- 10) ... trocavam carinhos físicos (0,76).
- 11) ... se interessavam pelas questões um do outro (0,74).
- 12) ... se abraçavam na frente dos filhos (0,74).
- 13) ... costumavam ficar conversando um com o outro (0,74).
- 14) ... contavam coisas engraçadas um para o outro (0,73).
- 15) ... respeitavam suas diferenças de opinião (0,73).
- 16) ... faziam surpresas agradáveis um para o outro (0,66).
- 17) ... se beijavam na frente dos filhos (0,61).

18) ... dividiam as responsabilidades no dia-a-dia (0,54).

19) ... eram flexíveis para mudar suas opiniões (0,49).

A seguir listamos os itens que apresentam alta correspondência com o primeiro componente e também carga menor, mas de magnitude expressiva, com outro componente. As correlações entre parênteses referem-se, respectivamente, ao primeiro e ao segundo componentes da análise de componentes principais. As correlações ou cargas no segundo componente aparecem em negrito. Os itens listados a seguir estão ordenados, segundo a magnitude decrescente da correlação com este segundo componente.

"(M)meus pais ...":

20) ... tinham "brigas feias" (0,68) (0,51).

21) ... quebravam objetos quando brigavam (0,55) (0,46).

22) ... se agrediam verbalmente (0,71) (0,45).

23) ... se ridicularizavam mutuamente (0,62) (0,40).

24) ... reclamavam um do outro (0,71) (0,35).

25) A relação dos ... parecia tensa (0,73) (0,33).

26) ... discutiam por causa de dinheiro (0,55) (0,32).

Em outras palavras, os itens 20 a 26 têm em comum o fato de apresentarem, além da alta correlação com o primeiro componente da análise de componentes principais, também apresentaram correlação positiva com o segundo componente; muito menores, mas *positivas*.

Esta observação tomada como pano de fundo remete para os itens que, igualmente, apresentaram correlações expressivas com esse segundo componente, mas com sinal trocado: as correlações são *negativas*. Como opostos, associam-se àqueles, portanto, por contraste.

Esses itens contrastantes, constantes da listagem inicial de itens numerados de 1 a 20, são reproduzidos a seguir. Foram reordenados decrescentemente, a partir da maior para a menor correlação negativa com o segundo componente (as correlações entre parênteses referem-se, respectivamente, à correlação do item com o primeiro componente, seguida pela correlação, em itálico, desse mesmo item com o segundo componente):

"(M)meus pais ...":

17) ... se beijavam na frente dos filhos. (0,61) (-0,41)

10) ... trocavam carinhos físicos. (0,76) (-0,38)

12) ... se abraçavam na frente dos filhos. (0,74) (-0,34)

7) ... se elogiavam mutuamente. (0,78) (-0,28)

8) ... expressavam seus sentimentos um pelo outro. (0,77) (-0,28)

13) ... costumavam ficar conversando um com o outro. (0,74) (-0,21)

Os demais itens apresentam correlações negativas inferiores a (-0,20). Muitos autores recomendam a retenção apenas de correlações ou "cargas fatoriais", positivas ou negativas, de magnitude superior a 0,30 (Cohen, Cohen, Wet & Aiken, 2003 [10]; Hair, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2006 [11]; Lebart, Piron & Morineau, 2006 [12]; Tabachnick & Fidell, 2007) [13]. Por outro lado, na presente análise, considera-se a diferença entre a análise de componentes principais utilizada, e a análise fatorial exploratória propriamente dita (Thompson, 2004) [14].

Textos recentes, cada vez mais, enfatizam a importância dessa distinção (Raykov & Marcoulides, 2008) [15]. Não se trata aqui, portanto, de análise fatorial, mas sim de análise de componentes principais que, resguardadas as devidas precauções, permite as considerações apresentadas, por dispensar, inteiramente, qualquer tipo de pressuposto teórico acerca de eventuais dimensões ou fatores inerentes ao constructo. A "conjugalidade" é tomada, neste trabalho, simplesmente como variável latente (Bollen, 1989 [16]; Jöreskog & Sörbom, 2001 [17]; Loehlin, 2004 [18]; Muthén & Muthén, 2007) [19].

Do ponto de vista estritamente teórico-conceitual, a terminologia utilizada, referente a "opostos", "associação por contraste", com a possibilidade, ou não, da admissão de "contrários", é utilizada aqui conforme a acepção freudiana. Freud (1900) [20] fala da possibilidade da apresentação onírica de elementos opostos em uma unidade, ao discutir o trabalho do sonho, e estende esse conceito até abranger o sentido antitético das palavras primitivas (Freud, 1910) [21]. Neste último trabalho, o autor cita a si próprio, ao reproduzir entre aspas todo um parágrafo do texto de 1900, para discutir opostos, contrários e contradição, de forma diferenciada em relação à clássica posição aristotélica de inclusão dos contrários na categoria dos opostos.

Dentro deste enquadre teórico, a escala principal com 26 itens pode ser considerada como basicamente unidimensional, isto é, "mede" apenas uma única dimensão, a conjugalidade (o primeiro componente "explica" cinquenta e dois por cento da variância da escala; o segundo acrescenta à "explicação" apenas mais oito por cento). Isto porque todos os vinte e seis itens apresentam correlações ou "cargas" positivas e altas com o primeiro componente na análise de componentes principais e, além disso, item algum apresenta "carga" no segundo componente que seja maior que sua "carga" no primeiro.

Desta forma, entende-se que o segundo componente sinaliza apenas um aspecto do constructo "conjugalidade", sem se constituir, propriamente, como uma segunda dimensão. Chega-se a essa conclusão uma vez que os itens destacados como aqueles com as maiores magnitudes, positivas ou negativas, no apenas discernível segundo componente, são justamente aqueles que apresentam conteúdos contrastantes. Mostram-se associados por "contra-reflexos contraditórios", segundo expressão freudiana utilizada na discussão dos meios de figuração onírica no trabalho do sonho (Freud, 1900) e posteriormente reelaborada no trabalho sobre o sentido antitético das palavras primitivas (Freud, 1910).

Compõe-se dos itens que distinguem pai e mãe na mesma variável. São onze itens, igualmente no formato Likert, oferecendo para resposta as mesmas cinco categorias (“nunca”, “raramente”, “às vezes”, “geralmente” e “sempre”). Eis os vinte e dois itens constituídos em onze pares:

- 27) Minha mãe demonstrava desejo pelo meu pai. / 28) Meu pai demonstrava desejo pela minha mãe.
- 29) Meu pai parecia confiar na minha mãe. / 30) Minha mãe parecia confiar no meu pai.
- 31) Meu pai demonstrava satisfação com o casamento. / 32) Meu pai demonstrava satisfação com o casamento.
- 33) Meu pai parecia permanecer casado por conveniência. / 34) Minha mãe parecia permanecer casada por conveniência.
- 35) Meu pai parecia se sentir sozinho. / 36) Minha mãe parecia se sentir sozinha.
- 37) Meu pai dificultava as atividades individuais de minha mãe. / 38) Minha mãe dificultava as atividades individuais de meu pai.
- 39) Minha mãe assumia responsabilidade pelo que dizia ou fazia. / 40) Meu pai assumia responsabilidade pelo que dizia ou fazia.
- 41) Minha mãe demonstrava ser uma pessoa feliz. / 42) Meu pai demonstrava ser uma pessoa feliz.
- 43) Meu pai falava mal da família da minha mãe. / 44) Minha mãe falava mal da família do meu pai.
- 45) Meu pai demonstrava insegurança na relação com minha mãe. / 46) Minha mãe demonstrava insegurança na relação com meu pai.
- 47) Meu pai agredia minha mãe fisicamente. / 48) Minha mãe agredia meu pai fisicamente.

A principal característica dessa subscala é a de se apresentar em dois níveis, pois há um item referente ao pai, e outro item referente à mãe, na mesma variável. Além disso, como ambos os itens são respondidos pelo mesmo sujeito, configura-se a situação metodológica de medidas repetidas. O casal parental ("pais") é tomado como variável latente em análise hierárquica multinível. Latente porque a variável casal de “pais” não é diretamente observável, pois o que se tem é uma resposta referente à mãe e uma resposta referente ao pai. A soma das duas para fazer com que a unidade de análise passe dos indivíduos (pai e mãe) para o casal parental (pais) elimina a possibilidade de comparação entre o pai e a mãe. Deixa-se de examinar, assim, a variabilidade intercônjuges. Há, portanto, o nível em que a unidade de análise são os indivíduos pai e mãe, e o nível em que a unidade de análise é o casal (parental, os pais). Desenvolvimento relativamente recente nas técnicas de análise abre a possibilidade de análise simultânea de ambos os níveis (Gelman & Hill, 2007) [22], com a consideração

do casal parental como variável latente (Muthén & Muthén, 2007; Jöreskog & Sörbom, 2001).

Terceira Subescala (Ponto Médio)

São os restantes doze itens. Formam escala composta tanto de itens voltados diretamente para os pais, como na Primeira Subescala, quanto de itens que distinguem pai e mãe, como na Segunda Subescala. A diferença nessa Terceira Subescala é que a categoria considerada teoricamente mais importante ou significativa é o ponto médio "às vezes". Compõe-se dos seguintes itens (com as categorias "nunca", "sempre", "às vezes"):

- 49) Meus pais saíam com amigos comuns.
- 50) Meus pais saíam juntos para se divertir, sem os filhos.
- 51) Meus pais concordavam um com o outro.
- 52) Meus pais passavam o tempo livre juntos.
- 53) Meu pai parecia sentir ciúme da minha mãe. / 54) Minha mãe parecia sentir ciúme do meu pai.
- 55) Minha mãe saía com amigos/as individuais. / 56) Meu pai saía com amigos/as individuais.
- 57) Minha mãe demonstrava ter poder na relação conjugal. 58) Meu pai demonstrava ter poder na relação conjugal.

Quarta subescala: item único

Finalmente, apresenta-se o último item. É o único item dicotômico, com apenas as alternativas "sim" e "não". O formato original foi descartado, após exame dos resultados empíricos de análise do item com base na primeira aplicação da escala (Rasch, 1993/1960 [23]; Bond & Fox, 2007) [24]. Verificou-se a inadequação das cinco categorias anteriormente oferecidas. O item é o seguinte:

- 59) Meu pai parecia trair minha mãe. 60) Minha mãe parecia trair meu pai.

Apresentamos, portanto, todos os itens que constituem a última versão do instrumento que foi aplicado em 1614 sujeitos com idades entre 18 e 29 anos. A amostra foi dividida em metades de 807 sujeitos cada uma, para se testar a replicabilidade das análises multivariadas. Como as aplicações foram feitas na zona sul do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, em Belo Horizonte e em Petrópolis, abre-se a possibilidade de se investigar simultaneamente diferenças entre essas regiões, além das possíveis diferenças de níveis sócio-econômicos e de gênero, tomadas como variáveis moderadoras (Aguinis, 2004).

Conclusões

Observamos na fala dos jovens entrevistados que a noção de individualidade é muito idiossincrática, tendo cada um dos sujeitos apresentado uma percepção diferente sobre essa questão. Duas entrevistadas, M5 e M6, acreditam que não deve existir esse aspecto no relacionamento, pois as pessoas devem se transformar numa só. Dois entrevistados, H5 e H1, possuem essa mesma percepção de que não há a dimensão individual no casamento. Podemos apontar as sérias conseqüências que o ideal de casamento moderno pode trazer para os parceiros, na medida em que se deseja o outro por inteiro e pretende-se penetrar em sua intimidade por completo. Segundo Simmel (1964) [25], essa satisfação da entrega total pode produzir uma sensação de esvaziamento dos sujeitos, havendo uma extrema idealização do parceiro, um aumento das expectativas e uma superexigência consigo mesmo, o que pode provocar tensões na relação conjugal.

Bauman (2004) [26] também chama a atenção para esse aspecto e aponta que o maior medo do amante é separar-se do ser amado e com isso o melhor meio de se atingir esse objetivo seria transformando o amado numa parte inseparável do amante. “Aonde eu for você também vai; o que eu faço você também faz; o que eu aceito você também aceita; o que me ofende também ofende a você. Se você não é nem pode ser meu irmão gêmeo siamês, seja o meu clone!”. (p.33)

Observamos, ainda, que os entrevistados manifestam um receio de que a perda da individualidade ameace a liberdade. Três entrevistadas, M1, M7 e M5 apontam para essa questão da liberdade, assim como dois entrevistados, H5 e H1, explicitando a dificuldade de equilibrar os aspectos individuais e conjuntos no casamento. Féres-Carneiro (1998) [27] ressalta que apesar de os ideais contemporâneos de conjugalidade salientarem mais a autonomia do que a dependência dos cônjuges, para que haja a constituição de um casal há a necessidade de construção de uma identidade conjugal, ou seja, uma zona de interação onde será vivenciada a realidade comum do casal.

Ao mesmo tempo em que alguns jovens caracterizam a dimensão da individualidade como uma necessidade de espaço próprio, há também uma preocupação com o compartilhar, com o dividir. Essa necessidade de espaço próprio é enfatizada por H1 que possui um relacionamento aberto e só consegue conceber a individualidade no casamento dessa forma.

Levantamos a hipótese de que os conflitos relativos a essas duas dimensões, individualidade e conjugalidade, são solucionados por alguns casais na opção por um casamento aberto ou um casamento no qual os cônjuges vivem em casas separadas. Singly (2000) [28] afirma que o ideal seria a alternância de “um eu sozinho” e “um eu com” que nos autorize uma satisfação de si em certos momentos para atividades separadas e em outros momentos para atividades compartilhadas.

Alguns desses jovens parecem encontrar em seus parceiros um alicerce para todo o vazio existencial de suas vidas, buscando uma fusão total que lhes daria um lugar no mundo. Esse mesmo discurso não se sustenta em si mesmo, visto que essa fusão idealizada terminará por ruir em algum momento. Desse modo, o laço contemporâneo é fortemente determinado pelo grau de satisfação encontrado nos parceiros e pela busca de relações mais completas e mais satisfatórias.

Consideramos que nossa sociedade moderna e líquida não “agüenta” esperar por uma evolução do amor-paixão para o amor-companheiro como apresentado por Jablonski (1998) [29], pois esse amor nos escapa, nos transmite a ilusão de que devemos avançar em busca de novas aventuras que mascaram esse desamparo primordial e produzem a ilusão de tamponamento.

Considerando as diversas transformações sociais da contemporaneidade, desenvolvemos esta ampla investigação tendo como objetivo primeiro estudar as relações existentes entre a conjugalidade dos pais, tal como vivenciada e percebida pelos filhos, e as concepções, motivações e expectativas que estes - jovens adultos solteiros das camadas médias urbanas - possuem em relação ao laço conjugal.

É importante contextualizar o lugar do casamento no projeto de vida dos jovens sem perder de vista a dimensão da herança na constituição da subjetividade contemporânea. Em nossa investigação, procuramos compreender como os jovens entrevistados, integrantes de constelações familiares tão plurais, elaboram suas percepções sobre a conjugalidade dos pais, suas possíveis alternativas e modelos de identificação.

Verificamos que a condição de pais casados apresentou avaliação de satisfação significativamente maior em comparação com pais não-casados, isto é, tanto recasados quanto separados, independentemente do gênero dos sujeitos.

Constatamos que o lugar que o casamento dos pais ocupa nos projetos de vida de seus filhos está relacionado com o modo como os jovens se apropriaram de sua herança familiar e com o discernimento sobre os aspectos da conjugalidade dos pais que os influenciam. É necessário elaborar uma diferenciação entre a herança familiar e as transformações passíveis de serem operadas pelos filhos. Ressaltamos que o desvelamento dos elos da cadeia geracional e das posições ocupadas pelos familiares uns em relação aos outros, posições essas cambiáveis e múltiplas, permite ao sujeito não somente a apropriação de seu lugar na transmissão, mas também a relativização de sua missão.

A relativização da missão implica na restituição do seu valor simbólico, seu valor de compromisso com o grupo familiar e com a humanidade. Existe um lugar, no psiquismo, para a organização da conjugalidade, e esse lugar é constituído em grande medida pelas imagens e fantasias relativas às articulações do romance familiar engendradas pelo sujeito. A partir da análise do modo como se dá, no percurso subjetivo, a organização do lugar da conjugalidade, podemos melhor compreender o lugar do casamento nos projetos dos jovens.

Ao analisar o discurso dos jovens constatamos, também, um dilema relativo à percepção da vivência do que é da ordem do individual e o que é da ordem do conjugal, no casamento. Os jovens, em sua maioria, percebem a conjugalidade como uma perda de liberdade. O fato de esses jovens não possuírem a experiência/vivência de um casamento parece contribuir para a dificuldade em discriminar a dimensão da individualidade e da conjugalidade. Tais dimensões ora são percebidas de modo estanque, ora de modo indiferenciado.

Verificamos ainda que a possibilidade de estruturar um lugar para a conjugalidade no psiquismo depende, sobretudo, de condições de diferenciação promovidas na família, independente da situação conjugal dos pais e dos níveis de satisfação conjugal percebida pelos filhos.

Esta investigação permitiu ampliar o conhecimento sobre as questões relacionadas ao lugar que o laço conjugal ocupa hoje no projeto de vida daqueles que ainda não se casaram. A compreensão sobre a influência da conjugalidade dos pais no lugar que o casamento ocupa no projeto de vida dos filhos traz subsídios importantes para a prática psicoterápica.

No estudo sobre a validação do *Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais* que surgiu ao longo do desenvolvimento da investigação inicialmente planejada, o *QCP* foi aplicado numa amostra de 1614 sujeitos de diferentes segmentos sociais.

O aspecto estritamente psicométrico do instrumento, após as pesquisas realizadas com os 241 sujeitos que por ele passaram em sua forma original, cedeu lugar a uma visão teórico-conceitual das diferentes partes que passaram a constituí-lo. Esse caminho foi escolhido com base na concepção de Jean-Paul Benzécri, citado por Lebart, Piron & Morineau (2006, p. 2): "o modelo deve seguir os dados e não o inverso" ("le modèle doit suivre les données et non l'inverse").

Entendemos que esta seja a forma de melhor representar as relações entre os dados da pesquisa. Assim, a proposta de validação atual do *QCP* vai além do conjunto de itens tomado exclusivamente como instrumento de medida. Consideramos que, somente no sentido restrito da otimização de um instrumento de mensuração, faz sentido utilizar o modelo Rasch (1993/1960; Bond & Fox, 2007) como ponto de referência apriorístico em relação ao qual os itens estarão melhor ou pior ajustados (no conceito de "fit") à modelagem matemática empregada.

Referências Bibliográficas

- [1] EIGUER, A. **A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica**. São Paulo: Unimarco, 1997.
- [2] BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Martins Fonte, 1979 .
- [3] AGUINIS, H. **Regression analysis for categorical moderators**. New York: Guilford Press, 2004.
- [4] HAIR, J. F., BLACK, W. C., BABIN, B. J., ANDERSON, R. E. & TATHAM, R. L. **Multivariate data analysis**. *Sixth edition*. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Prentice Hall, 2005.
- [5] HARMAN, H.H. **Modern factor analysis**. Chicago, IL, University of Chicago Press, 1967.
- [6] NETEMEYER, R.G., BEARDEN, W.O & SHARMA, S. **Scale procedures**. Issues and applications. Thousand Oak, CA, Sage, 2003.
- [7] PASQUALI, L. **Psicometria. Teoria dos testes na Psicologia e na Educação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.
- [8] FÉRES-CARNEIRO, T., ZIVIANI, C. & MAGALHÃES, A. S. Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. Em T. Féres-Carneiro (Org.), **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 251-267.
- [9] FÉRES-CARNEIRO, T., MAGALHÃES, A. S. & ZIVIANI, C. Conyugalidad de los padres y proyectos vitales de los hijos frente al matrimonio. **Revista Cultura y Educación – Familia y Pareja**, 18 (1), 2006, p. 95-108.
- [10] COHEN, J., COHEN, P., WEST, S. G. & AIKEN, L. S. **Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences**. *Third edition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2003.

- [11] HAIR, J. F., BLACK, W. C., BABIN, B. J., ANDERSON, R. E. & TATHAM, R. L. **Multivariate data analysis**. *Sixth edition*. Upper Saddle River, NJ: Pearson/Prentice Hall, 2006.
- [12] LEBART, L., PIRON, M. & MORINEAU, A. **Statistique exploratoire multidimensionnelle. Visualization et inférence en fouilles de données**. 4e. édition. Paris: Dunod, 2006.
- [13] TABACHNICK, B. G. & FIDELL, L. S. **Using multivariate statistics**. *Fifth edition*. Boston: Pearson/Allyn and Bacon, 2007.
- [14] THOMPSON, B. **Exploratory and confirmatory factor analysis. Understanding concepts and applications**. Washington, DC: American Psychological Association, 2004.
- [15] RAYKOV, T. & MARCOULIDES, G. A. **An introduction to applied multivariate analysis**. New York: Routledge, 2008.
- [16] BOLLEN, K. A. **Structural equations with latent variables**. New York: Wiley, 1989.
- [17] JÖRESKOG, K. & SÖRBOM, D. **LISREL 8: Structural equation modeling with the SIMPLIS command language**. Lincolnwood, IL: Scientific Software International, 2001.
- [18] LOEHLIN, J. C. **Latent variable models. An introduction to factor, path, and structural equation analysis**. *Fourth edition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2004.
- [19] MUTHÉN, L. K. & MUTHÉN, B. O. **Mplus: Statistical analysis with latent variables**. *User's guide*. Los Angeles, CA: Muthén & Muthén, 2007.
- [20] FREUD, S. **Traumdeutung** [Interpretação dos sonhos, cap. 6, o trabalho do sonho, parte c, os meios de figuração onírica], 1900.
- [21] FREUD, S. **Über den Gegensinn der Urworte** [Sobre o sentido antitético das palavras primitivas], 1910.
- [22] GELMAN, A. & HILL, J. **Data analysis using regression and multilevel/hierarchical models**. New York: Cambridge University Press, 2007.
- [23] RASCH, G. **Probabilistic models for some intelligence and attainment tests**. Chicago, IL: Mesa Press. (Originalmente publicado em 1960), 1993.
- [24] BOND, T. & FOX, C. **Applying the Rasch model: Fundamental measurement in the human sciences**. Second Edition. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007.
- [25] SIMELL, G. (Individual and society. In K. Wolff (org.) **The Sociology of George Simmel**. New York: The Free Press, 1964.
- [26] BAUMAN, Z. **O amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- [27] FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 1998, 11(2), 379-394. Retirado em 04/07/2007, do SciELO (Scientific Electronic Library Online),
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014.
- [28] SINGLY, F. O nascimento do 'indivíduo individualizado' e seus efeitos na vida conjugal e familiar. Em: Peixoto, Singly & Cicchelli, (Orgs.). **Família e Individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- [29] JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.